

A COMUNA

ORGÃO COMUNISTA LIBERTÁRIO (Antigo quinzenário A AURORA)

PROPRIEDADE DO GRUPO DE PROPAGANDA LIBERTÁRIA — (Formulaire de la loi contre la presse)

Editor: ANTONIO R. SANTOS

Redactor principal: ANTONIO TEIXEIRA

Administrador: DAMIÃO CASTELO

Camp. na Tip. de «A COMUNA»—Imp. na Tip. A INTERMEDIÁRIA, Ponta do Sol, 32

Redacção e Adm., (Provisória):
RUA DO SOL, 131—PORTO

CORRESPONDÊNCIA:
APARTADO 17

NÚMERO AVULSO: 5 CENTAVOS—Série de 10 números: \$50

O GRANDE ALARME

I
A LUZ VEM DE ITÁLIA...

«As nossas ambições não se limitam à conquista do pão, ainda mesmo com o vinho e com o sal.»

ELISÉE RÉCLUS.

Falemos alto, e sobretudo, falemos claro.

Veio a Revolução Russa—violenta convulsão social a dizimar as iniquidades do czarismo—aquecer no seio do proletariado internacional as mais fagueiras esperanças de emancipação. Os hinos revolucionários, as palmas e os vivas, estrugem por todos os lados, numa demonstração meridional, tarasconesa, de adesão às novas crenças, e, não obstante, a Revolução é ainda uma vaga hipótese no horizonte do porvir, e não vemos, infelizmente não vemos, que aos vivas delirantes e aos aleluia frementes, corresponda um sincero desejo de transformação individual.

A Revolução aparece para a grande massa do povo, e também—para que ocultá-lo?—para uma parte dos chamados militantes, não como a realização fecunda dum ideal nimbado de liberdade, mas como um audacioso golpe de mão, alguma coisa no sentido das clássicas conspirações palacianas—uma mutação de cenários, que, para o maior número, vai apenas à substituição dos ministros da República pelos flamantes e vermelhuscos comissários soviéticos.

Esta tendência para animalizar a grandeza dum revolução como aquela porque continuamente nos batemos, torna-se perigosíssima, inórfime agora que, a juntar-se ao descalabro burguês, o descalabro proletário ameaça tudo submergir num mar de lama—mas de lama a mais ascorosa e a mais repugnante.

O messianismo político encontra no soviétismo um propício avatar, no soviétismo que quase divina o Estado, ao invés do anarquismo, que, pela boca dos seus doutrinários, e ainda recentemente pela pena de Malatesta, vê na Lei e no Governo o mais terrível e o mais perigoso dos inimigos do Trabalho.

Não tem havido da parte dos militantes o sincero desejo de sustar a onda de apetites baixos e vergonhosos que tudo avassalando, e nas insistentes apologias da Revolução essa tem-se olhado mais à questão do estomago do que aos os e eternos problemas do cérebro e do espírito. A «cevada universal» parece ter-se tornado o escôpo último de certos paladinos que outrora cantaram a beleza imaterial das artes, e que hoje, desatendo ao mais repugnante dos epicurismos, não receiam fazer da questão social, a questão mater do tempo, um banalíssimo caso de barriga.

Esta multidão que impacientemente aclama Lênine e Kky não tem nem pode ter—digamo-lo com a nobre cora—dos apóstolos—o mais pequeno ponto de contacto cósico. Não é gritando vivas a Lênine, numa taverna, de crão em punho, nem ainda roncando a Internacional, entre vtos, nas plataformas pejudas dos electricos, ao regressar d repasto bastante regado nos restaurantes da bonlieu, né assim, diziamos, que se conseguirá realizar o supremo oltivo dos que sofrem—a revolução social. Se não opuzos à desmoralisação burguesa: uma vida eivada de ideal, cumindo-a, pelo contrário, no regabofe de ceias lautas e na gmesse vermelha dos arraiais e das romarias, teremos talva ditadura do proletariado, o Estado-Casterna, mas o que jáis teremos é a nossa revolução, a revolução anarquista, ei que, para se realizar, exige de cada um dos sens aderenteque principie por se revolucionar a si mesmo—abandonlo a taverna, freqüentando o sindicato, entrando no seu gjo, auxiliando no máximo os seus jornais e a propaganda egeral.

Temos de reagir contra este deprimente estado de alma d multitudes, vergonhoso estado de inconsciência que deixa rrrer A Batalha, o intemerato periódico onde dia-a-dia se faz angrata defesa dos trabalhadores, consentindo que a própria hdeira Vermelha, órgão declarado e entusiasta do Bolxevismo, ta a miserável e atribulada vida da demais imprensa avanda—que a solidariedade revolucionária dos companheiros hita-se aos vivas e aos hinos, sem que se lembrem, ao menos ando bebem, que neste mundo tudo se paga—o vinho e os maais!

Já não falámos de periódicos como o nosso, que, pela tureza essencialmente doutrinária da sua missão, estão lógicmte confiados ao âmbito restrito dos poucos que entendem e o problema da liberdade material está inteiramente ligado o problema da emancipação moral e mental.

II

Agora que A COMUNA chamou a si a gloriosa missão de liminar o cérebro dos trabalhadores, ainda imersos em densas tnevas, fortificando-os, pelo estudo, na dedicação dum ideal, cal-nos soltar desde já o grande alarme. A seguirmos como ai aqui, na bambochata dessorante dos aumentos de salário, alçados, totalmente alheados, dos grandes problemas sociais que lá fora agitam o proletariado, acabaremos fatalmente por dar fóros de lei aos tópes conluos em que bastas vezes os trabalhadores se tem feito os cúmplices impudentes do patrão, de olhos ávidamente postos na miragem tentadora da

FOLHEANDO A IMPRENSA

COMO FOI RECEBIDA «A COMUNA»

De A Voz do Trabalhador do Pará—Brasil:

Temos sobre a mesa de estudo este novo semanário, vindo do Porto,—Portugal,—publicado em substituição do quinzenário A Aurora, e que promete circular, dentro em breve, diariamente.

Exultamos por isso de alegria, não só por sabermos que é a efetivação duma velha aspiração dos incaçáveis camaradas que sustentaram A Aurora durante dez longos anos, no decorrer dos quais lutaram contra o despotismo dos reacionários republicanos que continuam atascando a terra luza no lódo em que a deixou o último dos Braganças, mas ainda porque o auxílio levado pelos trabalhadores portugueses, americanos e brasileiros, ao futuro grande diário das classes trabalhadoras do Norte de Portugal, é um grande testemunho do desenvolvimento contínuo da inteligência proletária que já considera a sua imprensa como o grande e ininterrompível veí-

Em prol de A COMUNA

Do nosso prezado camarada do Pará, Brasil, Gentil da Cunha Santos, recebemos uma amável carta e junto uma lista de subscrição aberta por ele em favor de A COMUNA, que rendeu 60\$00 escudos.

Juntamente recebemos uma letra de 100\$00 esc. Sendo 60\$00 esc. importância da subscrição e os restantes 40\$00 para liquidação da venda de jornais efectuada pelo mesmo camarada.

Também em Fevereiro p. p. recebemos de G. Cunha Santos uma letra de 20\$00 esc. da qual, por lapso não acusamos a recepção.

ento do ideal que lhe assegura a sua próxima emancipação.

Assim, registamos a aparição de A Comuna com um apêlo a todos os trabalhadores do Pará, afim de que não neguem o seu auxílio aqueles que, tomando iniciativa de tam alta monta, como a do grupo libertário editor de A Comuna, se propuzeram lutar pela alforria da humanidade trabalhadora.

Agradecemos.

ganhuça. Então a cevadeira para todos, será o objectivo final de toda a agitação operária!

O ideal da humanidade não pode estar restrito às mesquinhas ambições das almas vis, nem os heróicos lutadores do futuro devem enfundar a sua fé nas miserias pugnas de vilíssimos interesses. «Ce n'est point à conquérir le pain, même avec le vinet le sel, que se borne notre ambition», escreveu Réclus, sintetizando todo o nosso esforço, e as suas palavras tem hoje um singular cunho de verdade. Os Romanos de Nero e de Calígula tinham assegurado o pão e os prazeres do Circo—e nem por isso deixaram de ser, perante a História, o povo rastejante e dessorado de Decadência. A nossa época apresenta-nos o doloroso cachet de uma burguesia crapulosa e sem escrúpulos, originariamente viciosa, viciando e corrompendo, pelo espectáculo da sua degradação, o próprio mundo do Trabalho.

Tenhamos a coragem de dizê-lo, que doenças destas não se curam, por mais que se ocultem: existe em muitos dos nossos uma ansia desbragada de gosos, uma loucura de orgiocos delirios, um irreprimível desejo em copiar dos burgueses apenas o que estes tem de mau, e todos seguem num cavalgar fantástico para o abismo, absortos por completo nos prazeres do momento, na inconsciência pavorosa das tragédias que se avizinham.

Dir-se-ia que vivemos num país de doidos, tam grande e tam funda é a ignorância do momento que passa!

A próxima Revolução, importando a liquidação do mundo burguês, não se reduz apenas a uma mutação de convivas no banquete da vida—é alguma coisa de mais vasto e de mais alto, abarcando no seu conjunto todos os complexos problemas que o cérebro dos homens tem enunciado. Preparemo-nos para ela—regenerando-nos a nós mesmos. Habituemo-nos a ver na Revolução, não o lance teatral, melodramático, da barricada, mero episódio na sucessão lenta dos factos sociais, mas todos os pequenos incidentes da vida, conformando-os tanto quanto possível com as ideias que essa Revolução realizará por completo, tratando de vivê-las no máximo, para que se não dê o estranho caso, hoje corrente e banal de tropeçarmos a cada passo com bebados que aclamam os Sovietes, numa pavorosa insciência do grande abalo eslavo!

* * *

Consola-nos a ideia de que nesta tremenda degingolade de caracteres e de sentimentos há ainda uma falange, pequena falange é certo, mas com nobres qualidades de luta, capaz de reagir contra esta letal loucura. Nesta hora sombria e turva, hora de brutais instintos e de temerosas e sujas ambições, nem tudo é lama nem tudo são trévas.

A luz vem de Itália, e na França, a terra fecunda da Revolução e da Comuna, a minoria anarquista cresce em número, e os princípios altíssimos do direito individual, da insubordinação sempre latente, robustecem-se em frémitos vigorosos de liberdade, no desejo de um povo que não quer morrer escravizado, dum povo que galhardamente se apresta para o grande combate!

A glorificação máxima e aberrante do Estado, que atinge o cúmulo nos períodos *recherchés* dos estilistas e nos *poemas* avariados dos néo-trovadores, responde o proletariado de Aticonia saíndo à rua de peito nú, abandonado pelos chefes da Social e pelos messias do reformismo sindicalista, os braços hercúleos brandindo a clava vingadora, unicamente confiado no prestígio da ideia e na força onipotente da Vontade!

Vai-se-nos a alma na linda terra do Latiuns... Ancona, Malatesta... a União Sindical...

A luz vem de Itália...

L. F.

¿DITADURA DO PROLETARIADO?

O presente artigo, recebido há mais dum mês e que por um dever de lealdade jornalística e boa camaradagem, tínhamos resolvido não publicar, embora estejamos absolutamente de acôrdo com a sua doutrina, vem agora à publicidade, por já não existirem as razões que motivavam a sua não publicação.

Combate este artigo a «Ditadura do Proletariado», e, como os adversários da Ditadura, são classificados por vários filósofos de tripeça, de comodistas e até covardes, convem frizar que o seu autor, Joaquim Gonçalves, com quanto não tenha a atestar o seu revolucionarismo um largo cadastro policial—dado que é moda recente avaliar o valor revolucionário dos indivíduos pelo número de prisões sofridas—convem frizar, diziamos, que o seu autor foi há pouco julgado pelo Tribunal de Defesa Social e entregue ao governo, tendo sofrido também já outras prisões sob a acusação de praticar actos de propaganda social e não por conviência em arruaças políticas de variadíssima e suspeita tendência.

Aproveitamos também o ensejo para endereçar à direcção de A Bandeira Vermelha a expressão da nossa profunda máguia em face da publicação da nota, no seu último número publicada, a propósito da greve dos alfaiates e em que A COMUNA é rancorosamente visada num intuito que muito bem conhecemos. E a nossa máguia é tanto mais profunda quanto é certo que, existindo entre a gente do nosso jornal e a de A Bandeira, uma ligação de amizade pessoal, mandavam as boas normas da lealdade e da delicadeza que se inquirissem primeiramente e sensatamente das razões da nossa attitude.—Nota da redacção.

Muito se tem dito e escrito acerca da necessidade duma Ditadura Proletária para levar a bom termo a grande revolução que se avizinha. Um dos jornais que mais propaganda tem feito desse espantallo, classificando-o de remédio eficaz para o aniquilamento da burguesia, tem sido, sem dúvida, A Bandeira Vermelha, jornal que, fundado por anarquistas, mais parece um órgão socialheiro do que outra cousa. A propaganda pura dos sãois principios anarquistas desapareceu das suas colunas, e em seu lugar, apareceu a defesa acérrima do socialismo marxista, como se o marxismo que tam combatido tem sido pelos libertários, não fosse apenas uma máscara das instituições vigentes, posto que, nêle subsiste o salariato como subsistem as mesmas causas que hoje nos oprimem e tiranizam.

E' tempo de definir campos, de traçar situações inequívocas. Não se pode conceber, que, tendo os anarquistas comunistas feito em todos os tempos a propaganda da ideia anárquica, hoje que essa propaganda mais do que nunca é necessária, hoje que ela se torna imprescindível pelo grande incremento que a revolução vai tomando, não se pode conceber, repito, que essa propaganda se ponha de parte, para se deitamem à liça teorias avariadas, teorias que o grande agitador que foi Bakunine reduziu a zero, combatendo-a até ao seu último reduto, na célebre Internacional dos Trabalhadores.

Os anarquistas não devem fazer outra propaganda que não seja a sua propaganda; e a propaganda marxista não nos compete, a nós, pela simples e convincente razão de não sermos marxistas. E, como é doloroso vêr o efeito desgraçado dessa propaganda! Camaradas que outrora se diziam anarquistas, que sempre criticaram as teorias estatais, prosternam-se hoje perante a ditadura proletária, e consideram-na como que, uma nova divindade, que surgindo do infinito, vem até à terra dar aos povos o pão e a liberdade que lhes falta, por meio dum fecundo manancial de leis e de decretos. Não, camaradas!... Os anarquistas devem fazer tábua rasa de todos os governos, ainda que eles se digam socialistas-leninistas. A nossa missão é destruir tôdas as castas privilegiadas, e não substituí-las por outras. E a formação duma ditadura proletária não é nada mais do que a continuação de semelhantes anomalias. A história está para nos dizer que em matéria de governos todos se equivalem, sejam ou não burgueses. Durante o curso duma revolução, o povo goza de mais bem estar e Liberdade; mas se um governo consegue sair dessa revolução, mal se extinguem os últimos clarões da fogueira revolucionária a liberdade extingue-se também, e em seu lugar surge uma opressão mais forte e mais cruel que a precedente.

A concepção filosófica do ideal anarquista é incompatível com a ideia duma ditadura, seja ou não proletária.

E, se nós, anarquistas, desejamos levar a humanidade a passar sem leis nem governos, a nossa propaganda não se deve resumir a um ataque aos legisladores actuais, mas sim a uma guerra aberta contra a própria entidade estatal.

Só assim, fazendo a propaganda mais avançada possível, poderemos conseguir o nosso *desideratum*:—destruir a sociedade burguesa que nos asfixia com a sua moral infame, e das suas cinzas, fazer surgir uma nova sociedade, que será livre pela abolição completa da autoridade, base especifica da iniquidade social, e igualitária, pela adopção do comunismo anarquista.

JOAQUIM GONÇALVES.

Limoeiro—Grupo B—Preso por Questões sociais.

15, de Junho—1920.

A LUZ VEM DE ITÁLIA...

O CONGRESSO ANARQUISTA DE BOLOGNA

SEGUNDA JORNADA — 2 DE JULHO DE 1920

Sessão da manhã

A FRENTE ÚNICA

Relator *Luigi Fabbri*. Às 9 horas abre-se a discussão sobre a tese *Frente única* para a acção revolucionária.

Como esta tese inicia a discussão dos mais vitais e inadiáveis problemas propostos à assembleia — que aumenta de número continuamente com a chegada de novos delegados — o relatório de *Fabbri*, ou antes, o comentário elucidativo que este camarada apresenta, é ouvido com a maior das atenções.

Esclarece *Fabbri* o próprio pensamento, dizendo que não é sua intenção falar de uma frente única dos partidos revolucionários, mas sim entre os elementos revolucionários, nas diferentes localidades, mesmo contra a vontade dos diversos organismos, *inclusivé* a União Anarquista Italiana. Tratará de interesses locais, de afinidade de intuítos, relativos a uma acção decisiva.

É cita casos recentes que dão como já realizado, em outras regiões, tal acôrdo, sem que soffresse menoscabo a nossa intransigência teórica. *Fabbri* conclue reservando-se para apresentar, a propósito, uma ordem do dia, quando terminar a discussão.

Bottai concorda, *Boldrini* põe algumas dúvidas, *Delli*, apresenta emendas.

Mincigrucci concorda no todo mas acentua que em muitas localidades que conhece, a frente única das massas encontra obstáculo no culto absoluto pela disciplina de partido. Também isso acontece entre os trabalhadores que, de facto, querem a revolução, mas que no momento decisivo vacilam ou recebem, pela pressão dos chefes. Aproveita a ocasião para recordar a luta dos camaradas da Brescia.

Vella é pela frente única entre a massa.

Tisi aprova a iniciativa da frente única mas também repele o fetichismo de certos elementos pelos chefes que, com fins sectários, obstem não só ao desenvolvimento do nosso partido, mas também do nosso programa revolucionário. Cita também casos em que o acôrdo falhou porque os elementos jovens socialistas, depois dos primeiros acôrdos nunca mais appareceram.

Libero Merlim mau grado um relativo sceticismo relativamente à frente única, é de opinião que se deve insistir por mantê-la entre as massas, porque mesmo que os resultados práticos não sejam imediatamente compensadores do esforço feito, a nossa propaganda em tal sentido tem uma grande importância moral. Os trabalhadores, assim, verão que nós queremos, de facto, a revolução social sem tudo sacrificar ao espirito sectário de quem põe o partido e a própria situação do partido acima das próprias teorias socialistas.

Crítica a seguir a acção daqueles que prégam a revolução com fins eleitorais, sem a quererem, e observa que tão illusória acção só favorece a nossa propaganda desinteressada. Rejeita, porém, a frente única dos partidos, que considera falaz.

Gobbi é contra a entente dos partidos para uma frente única e defende-a entre as massas e os individuos de acção revolucionária.

Binozzi constata que no Congresso se está no mais completo acôrdo, lembrando todavia que todas as vezes em que se chegou a acôrdo com outros partidos só se obtiveram adesões incertas, relativamente aos actos práticos. É, portanto, pelo entendimento local subordinado a um intenso trabalho da nossa propaganda, visto observar que tanto mais fortes seremos quanto mais for a nossa influencia sobre as massas trabalhadoras e, maior também, a nossa pressão libertadora sobre os elementos extremos que estão sob o dominio dos chefes, e até sobre os próprios chefes.

Malatesta toma a palavra não para provocar scisões mas para fazer constatar que as dúvidas de muitos camaradas são infundadas. Em Milano os jovens socialistas bateram-se ao lado dos anarquistas, resistindo a uma meditada restrição activa e jogaram com a vida, a sua attitude, numerosos combatentes. Se queremos a revolução devemos procurar o auxilio de todos os que querem a revolução, porque a anarquia só se realizará desbravando o terreno. Termina no meio dos aplausos gerais dizendo que devemos aproximar-nos das massas e não dos chefes. É as massas virão, por fim, para nós, porque os chefes se exauriram a si mesmos.

Rappalini considera um absurdo a união entre os partidos, como partidos em si, mas crê que a união proletária se fará, pela força das circunstâncias.

Acutis diz que neste momento os anarquistas não podem,

sósinhos, fazer a revolução; daqui a necessidade de resalvar um entendimento com os elementos que, especialmente hoje, não escondem o seu descontentamento pela equivocada acção dos chefes. Reforça a sua opinião, referindo-se à última greve de Torino, afirmando que a frente única, contra a vontade dos dirigentes, no Piemonte, foi e fica sendo um facto.

É aprovada depois a seguinte ordem do dia:

«O Congresso aprova e aconselha — fora dos partidos e organizações existentes — a formação de núcleos locais de acção entre todos os elementos que na primeira ocasião prevista ou provável, se empenhem em descer ao terreno dos factos para, por todas as meios, pôr fim ás actuaes instituições sociais»

A SITUAÇÃO DE ANCONA

O camarada *António Vella* que passou por Ancona, ontem mesmo, tráz novas informações sobre tudo o que aconteceu e está acontecendo naquela cidade, onde a Liga operária declarou, de novo, a greve geral contra a reacção dominante.

Como *Borghli* critica os camaradas de diversas localidades que nada fizeram ainda para defender os camaradas de Ancona.

Malatesta propõe que se suspendam os juizes da assembleia até que se recebam mais amplas informações dos acontecimentos.

Discutida a seguir a questão da Convenção de Genova, interveem os delegados encarregados de se entenderem com o C. C. do Sindicato Ferroviário Italiano declarando que, por deliberação deste núcleo, se telegrafou à direcção do Partido Socialista Italiano exigindo a convocação urgente da Convenção.

Os ferroviários comprometem-se a não mais abandonarem o proletariado.

Garino propõe que para sucessivas Convenções nacionais dos diversos organismos se convide também o Comité dos Conselhos de Fábrica.

Aprovado.

(Continua).

Maximalismo e Anarquismo

(CONTINUADO DO N.º 12 de «A COMUNA»)

XXVIII

Maximalistas — Um Congresso Federal, como o pan-russo dos Soviets, compõe-se dos representantes dos *soviets* das cidades e grandes povoações na razão de um deputado por cada 25.000 eleitores e também dos representantes dos *soviets* de governo, isto é, de cada distrito ou provincia, que vulgarmente se denomina *Governo*, à razão dum deputado por cada 25.000 eleitores.

Os Congressos Regionais precedem quase sempre o Congresso Federal, e naqueles nomeiam-se os representantes ao Congresso Federal.

Se o Congresso Regional não se realizar, podem nomear delegados os Congressos de distrito. O Congresso Federal será convocado pelo Comité Central Executivo, pelo menos, duas vezes no ano. Um Congresso extraordinário também pode reunir-se, quer por iniciativa do Comité C. Executivo quer a rogo dos *soviets* que representam pelo menos a terça parte da povoação total da República.

O Comité C. Executivo, é nomeado pelo Congresso Federal, e é constituído por um número limitado de membros.

O Comité C. Executivo, é responsável perante o Congresso Federal; e no periodo compreendido entre os Congressos, é a autoridade suprema da República.

Anarquistas — Um Congresso Federal, reúne periódicamente; tantas vezes, quantas os grupos operários julguem necessário.

Ao Congresso Federal, vão delegados, nomeados directamente pelos operários e confere-se-lhes mandato imperativo, isto é, a opinião da colectividade que representam, exceptuados os casos em que se lhes confere mandato consultivo.

Nesse Congresso, onde se relacionam as diferentes regiões, tratam-se as questões e problemas de interesse geral. Do seu seio saem as diferentes comissões executivas, isto é, encarregadas de dar applicação prática aos acôrdos tomados no Congresso, e também um Comité federal permanente, não executivo nem com autoridade, mas de relações, que serve para o intercambio de ideas e combinações de esforços das diferentes regiões.

O sindicalismo, tal qual hoje se compreende com algumas modificações num sentido libertário, dá-nos o plano, as linhas gerais da organização económica do futuro.

XXIX

Maximalistas — O Comité C. Executivo é o órgão legislativo e o órgão supremo de inspecção da República Socialista.

A falácia da liberdade de trabalho

Entre as infinitas falácias que se tem desenvolvido à sombra da palavra liberdade, nenhuma tem sido defendida tão constantemente e tão heroicamente como a falácia da chamada liberdade de trabalho.

Ora a liberdade de trabalho não é mais do que uma tradução moderna da antiga liberdade de ser escravo.

Para o patrão, a liberdade de trabalho significa a liberdade de escolher os operários mais submissos, despedir os mais independentes, exercer represálias após uma greve, impor jornadas, salários e condições sanitárias de extrema desumanidade, em suma — fazer na sua fábrica e proceder com os seus operários conforme entender: como um rei absoluto.

Para o operário, a liberdade

de trabalho é a liberdade da servidão, a liberdade de se entregar atado de pés e mãos ao patrão, de não se associar, de não se solidarizar com os seus companheiros de destino, para que o patrão melhor o possa submeter, isoladamente.

A liberdade representa, no mundo industrial, o poder absoluto para o patrão; e a servidão absoluta para o operário. Pois é com essa liberdade que pretende acabar a classe operária. É lógico.

(Da revista *E-paña*).

É o poder supremo, pois a direcção geral da actividade social, dirige o governo dos operários e dos camponeses e de todos os órgãos do poder dos *soviets*.

Também centraliza e unifica os trabalhos, em matéria de legislação e de administração, etc., decreta e toma disposições discricionárias.

Os elementos que constituem este Comité, formam as organizações administrativas e directivas da sociedade; organizam com uma parte dos seus membros o Conselho dos Comissários do Povo, e trabalham nas secções — Comissariados do Povo — e executam ordens particulares do Comité C. Executivo.

Anarquistas — O Comité de relações, também chamado Conselho Federal, reúne-se semanalmente ou com maior frequência se assim o requerem os assuntos da colectividade, para os delegados se informarem dos problemas e interesses da vida económica de cada região e alvitarem os melhores caminhos e meios a seguir para o bem estar comum. Como o Conselho é um resultado e não um principio vital, não tem autoridade nenhuma sobre o grupo, como este a não tem sobre o homem. Conseqüentemente, nada do que colectivamente se realiza, pode fazer-se, sem obter antecipadamente a anuência do homem.

Não admitimos centralismo algum. O homem é livre no grupo; o grupo é livre na Federação local; o Conselho confederal constituído por delegados das federações regionais, não tem autoridade alguma, e, portanto, não pode tomar resolução alguma, sem consultar previamente as organizações respectivas de que dependem.

O Conselho é um órgão de relação, e, conseqüentemente carece de atribuições imperativas.

(Continua).

Nos nossos assinantes da América do Norte

Participamos aos nossos estimados assinantes dos Estados Unidos da América, que podem fazer o pagamento das suas assinaturas ao nosso camarada Manuel Moutinho, 124 e County Street — New Bedford Mass.

do trabalho é a liberdade da servidão, a liberdade de se entregar atado de pés e mãos ao patrão, de não se associar, de não se solidarizar com os seus companheiros de destino, para que o patrão melhor o possa submeter, isoladamente.

A liberdade representa, no mundo industrial, o poder absoluto para o patrão; e a servidão absoluta para o operário. Pois é com essa liberdade que pretende acabar a classe operária. É lógico.

(Da revista *E-paña*).

Neno Vasco

Como noutro lugar referimos encontra-se em S. Romão em tratamento duma pertinaz doença, este nosso prezadissimo camarada, escritor illustre e um dos mais brilhantes colaboradores da antiga *Aurora* e de *A Batalha* de onde, a propósito, recordamos a seguinte noticia;

Conforme noticiámos o nosso prezado camarada e amigo Neno Vasco, um dos mais brilhantes colaboradores de *A Batalha*, achando-se gravemente enfermo, partiu para o Norte, a fim de tentar a cura na excelente Serra da Gralheira, no santuário all em construção, graças à iniciativa do sr. dr. Ramalho, do Porto.

Está, porém, fazendo uma pre-estação cêrea do Porto, no hotel de S. Romão, freguesia do mesmo nome, uma das localidades mais lindas do Norte, toda circundada de pinheiros, cujas exalações sãs proporcionam aos que all se dirigem uma atmosfera admirável, ao mesmo tempo que a vista se embriaga na contemplação dum verde perfeitamente minhoto, como não o conhecemos mais formoso em terras portuguezas.

Neno Vasco, cuja situação económica é precária, está sendo mantido por um grupo de dedicados camaradas e amigos do Porto, que o tem rodeando do conforto que as suas condições de saúde reclamam. Para occorrer ás despesas que a familia do esforçado propagandista libertário realiza em Lisboa, onde se encontra, constituíu-se aquil um outro grupo de camaradas e amigos de Neno Vasco, que contribui com uma cota mensal para esse effeito.

E assim se realiza uma das mais comedoras obras de solidariedade que temos presenciado e da qual tam digno é o distinto jornalista e escritor.

A Neno Vasco, desejamos breve e completo restabelecimento, a fim de que venha recupear o seu lugar de destaque, nesta cruzada santa de emancipação social.

JOSÉ T. LORENZO.

JOAQUIM CARDOSO

Recebemos na passada terça-feira a amável visita do nosso amigo e camarada J. Cardoso, secretário geral da F. da C. C. e editor de *A Batalha*. Agradecemos.

Esquanto os povos não falam

Um dos mais claros resultados da guerra foi a substituição da hegemonia alemã pela hegemonia inglesa. E esta no va hegemonia tornar-se-lá, em breve, extremamente tirânica...

Há pouca correlação entre os principios fundamentais formulados pelos homens de Estado nos Congressos e aqueles que actualmente lhes servem de guia. Durante todo o último Congresso, a conduta dos diplomatas ingleses foi determinada por três inalteráveis principios: engrandecer a Inglaterra, impedir que a França se torne muito forte, e evitar, ao mesmo tempo, que a Alemanha se torne muito fraca.

A hegemonia dum país mostra-se por diversas formas, sendo uma das mais claras a linguagem dos seus governantes. A Inglaterra apoderou-se da marinha mercante e das colónias alemãs e proclamou o seu protectorado sobre a Pésia e sobre o Egipto, sem tolerar comentários. E assim que a França deseja defender os seus modestos direitos, a linguagem da Grã-Bretanha torna-se immediatamente agressiva. O mundo compreende então que uma nova hegemonia se criou.

Assim, num futuro breve, a história da Europa dependerá, sobretudo, dos interesses que a Inglaterra tenha em prolongar, durante a paz, a aliança formada com a França durante a guerra.

(Les Annales de 2-5-920).

GUSTAVO LE BON.

CONSELHO DE TOLOS... PARA TOLOS...

Pelas paredes de Lisboa appareceram, afixados, uns cartazes com os seguintes dizeres:

— «Queres a vida mais barata?»

- «Trabalha o máximo.
- «Consumo o mínimo.
- «Prescinde do supérfluo.
- «Condena o luxo.»

Há conselhos banais, que, por o serem, não passam de simples desafogo de quem os diz. Mas há-os também que representam uma afronta. E o exemplo acima citado, está neste caso.

Na verdade, se o primeiro não é mais que a repetição da já estafada ária «trabalhar muito, produzir muito»... com que as classes superiores nos matawam, há pouco, o bicho dos vidros, o certo é que o segundo parece ter sido escrito por qualquer criatura que não é deste mundo, ou então que nunca soube o que é ter uma casa a sustentar.

Consumir o mínimo? Mas então que se deve consumir que possa ser considerado o tal mínimo, se a população do país, pela força das circunstâncias, já é forçada, para não morrer de fome, nem andar nua, a recorrer ao mínimo... dos mínimos?!

A situação actual é, positivamente, insustentável. Não há que comer. E para uma criatura andar decentemente vestida, mas sem o tal luxo, necessita, antes de se abançar a qualquer compra, de fazer prodígios de equilíbrio no seu mínguido orçamento, para evitar que elle fique de forma a que tarde ou nunca mais se endireite.

Evidentemente que seria razoável que se «prescindisse do supérfluo» se de facto elle existisse.

Mas onde está o supérfluo se o mínimo do que é necessário não existe?...

* * *

Se algumas dúvidas ouvesse ainda sobre a inutilidade de Estados, essa inutilidade que se torna nociva aos interesses gerais, o que se está passando, não falando no que já lá vai, é a plena confirmação do que nós, anarquistas, temos vindo dizendo: os Estados são o principal causador da miséria dos povos e o seu desaparecimento impõe-se, como medida do mais alto interesse público.

Defender, hoje, o Estado, é defender o roubo, a pilhagem, o saque.

Hoje, nesta sociedade burguesa, o que está na ordem do dia, é sem dúvida, o assalto continuo, descarado à bolsa do próximo. Fazem-se fortunas de um momento para o outro. Joga-se na Bolsa como poucas vezes.

E enquanto, de um lado, não há senão o instinto do lucro imediato, da ganhuça, embora atropelando tudo e todos, do outro a miséria vai mostrando de dia para dia, e cada vez mais, os seus efeitos destruidores, bem pintados nos rostos macedados dos miseráveis que, para gastar o mínimo são forçados a trabalhar o máximo.

Certo é que este contraste não é de hoje. Mas, mais que nunca, elle hoje se manifesta, atentas as circunstâncias em que uns conseguem, por várias e curiosas formas, desenvolver os seus lucros, e outros não podem, por mais esforços que empreguem, equilibrar as suas finanças que, ao sabado, fecham sempre com deficit.

- «Trabalhar o máximo...
- «Consumir o mínimo...

Mas ja quem serão dirigidos estes dois conselhos? Ao burguês enfatuado e pançudo? Ao novo-rico petulante e grosseiro? Ou ao operário, sempre queixoso e sempre miserável?

De qualquer forma não passa de um conselho de tolos... para tolos.

Mas o caminho está já francamente traçado.

«Trabalhar o máximo», sim, na propaganda anarquista.

VIRGINIO SILVA.

O CASO DOS ALFAIATES

Chancelado com o carimbo do Sindicato dos Alfaiates do Pôrto, recebemos há dias um papel, contendo algumas acusações a este jornal, acusações que, um jornal de Lisboa, inábil e insidiosamente reproduziu, em parte dominado pela pressão utilitária de reconquistar a venda perdida, em parte por instigação de creaturas, que no Pôrto, apenas se occupam à semelhança dos aventureiros politicos e dos jesuitas, em intrigar e caluniar os que dedicados e desinteressadamente, trabalham na vulgarização e defesa das ideias comunistas-libertárias.

Não responsabilizamos a classe dos alfaiates, classe que muito prezamos, pelas insidias que nos são dirigidas pois sabemos que, tanto o conteúdo do papel que nos foi enviado, como o de outros enviados para Lisboa, foi inspirado por creaturas extranhas à classe e em local onde tudo se intriga e a todos se calunia, o que nos faz supor que a utilização do carimbo fosse feita abusivamente.

Certamente não nos preocupamos com o caso e daríamos ao papel referido o uso que vulgarmente se dá a papéis desta natureza se as acusações nele bolsadas não tivessem vindo a público forçando-nos a uma justificação.

Vamos a ella:

1.º—Acusam-nos de ter guardado silêncio sobre uma noticia enviada a este jornal, referindo-se à greve dos alfaiates e atacando um industrial.

E' falso!

O artigo sobre a greve, publicado no n.º 10 de *A Comuna* é a consequência dessa noticia, que não reproduzimos por a sua redacção ser incorrecta na forma e infame nos intuitos, e não desejar-mos transformar as colunas do jornal em sentença ou vasadouro publico, ponceo nos preocupando, porém, que outras gazetas a isso se prestem;

B—Porque não visava a atacar o industrialismo em geral e a defender os direitos e as reclamações da classe, mas somente procurar levantar uma questão pessoal ferindo directamente um individuo e procurando ferir indirecta e jesuiticamente as ideias que defendemos;

C—Por sabermos que esse ataque era movido a ocultas por individuos que não são alfaiates: um antigo social demócrata, que ainda há pouco foi para aí acusado de trair a greve geral de Janeiro último, levado, com a sua influencia o paleio, o quadro tipografico dum jornal diário a retomar o trabalho; outro, antigo anarquista e hoje socialista marxista, que nunca perde o ensejo de ferir os elementos que trabalham na *Comuna* procurando assim prejudicar o jornal em proveito doutra gazeta que habilmente lhe explora a vaidade e lisongea a imbecillidade.

2.º—Somos acusados de ter recebido 100\$00 escudos de A. C. da Silva e por isso não publicamos as acusações que lhe foram feitas.

Veja-se a infâmia! Amadeu C. da Silva, inereveu-se com 100\$00 esc. na primeira lista de subscrição por nós publicada no n.º 24 de *A Aurora* de 12 de Março e foi com essa mesma quantia que impediu que publicassemos as sandiegos contra elle bolsadas em Julho corrente. Que iguonnia!!!

Dá-se porém uma coincidência notável. Na mesma lista em que figura o nome de A. C. Silva figuram também os de alguns dos seus detractores. Amadon já pagou a quantia com que subserveen, e dos outros ainda estamos à espera das respectivas importâncias, motivo porque teremos de publicar-lhes os nomes a deduzir as respectivas verbas da importância total da subscrição, caso não cum-

COMPRAI A COMUNA

nos seguintes locais:

LISBOA

Federação da Construção Civil—Calçada do Combro, 38
Tabacaria Barbosa—Rua do Carmo, 67.

Rosa & C.ta—Rua do Poço dos Negros, 91-A e 93.

Tabacaria Araujo—Rua da Palma, 59.

Tabacaria Beltran—Rua da Escola Politécnica, 84.

Tabacaria Ideal—Rua dos Correiros, 211.

Tabacaria Pires—Rua do Poço dos Negros, 110-112.

Tabacaria Condes—Avenida da Liberdade.

Tabacaria Saraiva—Travessa de S. Domingos, 4 e 6.

Tabacaria Vouga—Rua do Rato.

A Moldura do Castelo—Largo do Intendente, 58.

Nunes & Pinto—Rua da Bica do Sapato, 16.

Mercado Literário—José da Silva Oliveira, Calçada do Combro, 38-A.

Quiosque de Alcântara—Júlio Joaquim Pimenta.

Tabacaria A Tentadora—António Lopes de Melo, rua Ferreira Borges, 1-A.

Sindicato Unico Mobiliário, continuo—T. da Agua da Flôr, 16-1.º.

PORTO

Em todos os Quiosques e Tabacarias.

SETUBAL

Barbearia Quaresma—Avenida Todi, 322.

SACAVEM

A. J. Neves—Largo da Feira, 74.

VIANA DO CASTELO

Quiosque Universal.

Aos nossos assinantes e agentes

Por este meio levamos ao conhecimento dos nossos assinantes e agentes que vamos iniciar a cobrança dos seus debitos.

Os assinantes e agentes de Lisboa que desejem antecipar-se no pagamento, evitando-nos despesas do correio, podem fazê-lo por intermédio da administração de «A Batalha».

A todos os agentes do país e Brasil, lembramos a conveniência de fazerem as liquidações mensalmente a fim de evitarem dificuldades à vida do jornal.

pram honestamente o seu dever dentro de curto prazo.

3.º—Finalmente, faz o papelinho em questão o confronto da nossa attitude com a de outros jornais.

Também a respeito de attitudes jornalísticas, temos a nossa opinião que por acaso é a mesma de José Caldas, e que, sob o titulo *Relembrando* publicamos no já referido n.º 10 de *A Comuna*. Queiram ler...

Quanto ao *cabeca de turco* que firma as diatribes vindas a público, apenas nos inspira repugnância pela sua baixa moral.

E, assegurando mais uma vez à classe dos alfaiates a nossa muita estima e consideração, pois nenhuma responsabilidade lhe atribuímos no incidente, pomos ponto no assunto... até vêr!

A REDACÇÃO.

Nota—Do industrial Amadeu C. da Silva, recebemos uma carta (cópia de outra enviada à *Bandeira Vermelha*) em que o mesmo senhor se defende das acusações que no mesmo jornal lhe são feitas.

Carentes com a nossa orientação, não damos publicidade à referida carta, a exemplo do que fizemos com a noticia que deu origem a este incidente.

Só quem publica acusações, deve, se quiser ser leal, garantir o direito de defesa.

Não, só o faremos caso esse direito seja negado.

A REDACÇÃO.

EM DEFESA DO ANARQUISMO

IV

Socializar a riqueza não é para nós, a apropriação, pelo Estado, de todos os meios de produção. Suprimir o poder político não significa uma simples transformação da máquina governamental. Estas duas coisas comprehendemo-las dum modo muito diferente daquêlle porque as comprehendem os socialistas autoritários.

Uma revolução que não tenha outro fim senão o de entregar as riquezas ao Estado, deixando de pé um pseudo-governo acobertado com o nome de «administração pública», não é uma revolução na verdadeira acepção do termo. Substituir a chusma de proprietários individuais por um proprietário único, não é destruir nenhuma das causas da desigualdade social. Entregar a meia dúzia de privilegiados o governo e a administração da vida económica dum país, não evita nenhum dos males que o governo político origina; pelo contrario, multiplica-os, agravando-os. Tais transformações não darão a independência, antes apertarão fortemente a pesada cadeia da servidão.

A revolução que preconizamos não ha-de cair em erro tam grave. E' preciso que se faça uma socialização efectiva da riqueza. O povo deve apossar-se immediatamente de tudo e organizar, conforme puder e souber—mas por si próprio—a vida em geral. Nada de abdicções. Que cada qual meta ombros à empresa, juntando-se àqueles que prosseguem o mesmo fim. Que as associações livremente fundadas, livremente se concentrem para a obra comum. E que, enfim, todos procurem utilizar as suas forças na satisfação das necessidades mais ingentes do corpo social.

Pela primeira vez se encontrará o individuo com plena independência para a acção, livre do chicote do capitalista e da tirania governamental. Pela primeira vez, achar-se-há o individuo exercendo liberrimente a sua iniciativa, pronto a abarcar, sem entraves, o imenso horizonte duma vida nova. Não seria, pois, forte demência entregar a umas tantas criaturas a solução do que diz respeito a todos nós, além da direcção da produção e do consumo? Não seria rematada loucura recommear a obra do privilégio, da centralização, da agiotagem e do despotismo armado, contra os quais se teria feito exclusivamente a revolução?

Todo o êxito do socialismo autoritário assenta nos hábitos de obediência das massas. Assim, insinua a essas massas a mesma rotina governamental; organiza-as militarmente; coloca, ante a sua vista, um organismo, glosado com os mesmos elementos da actual sociedade autoritária; mas fazendo-lhes antever a miragem duma futura igualdade, e essas massas aceitarão tudo, supondo muito próxima a era da sua ançada emancipação.

O que é necessário demonstrar-se, é que a organização autoritária do socialismo produz infalivelmente os mesmos males, as mesmas lutas, as mesmas anomalias que a organização autoritária do capitalismo...

E' por isso que, quando a revolução «estiver à porta», o povo deve fazer uma revolução essencialmente anarquista, uma revolução que não admita Messias politicos nem sociais governantes nem administradores *desinteressados*, delegados parlamentares, representantes ou intermediários.

E assim que se prova que o anarquismo é o verdadeiro socialismo em toda a sua pureza, sem mistura de autoridade nem de privilégio; é o socialismo espontâneo, organizado pelo povo.

A uma *Administração* que caprichosamente distribua as casas, é preferível uma distribuição feita pelos próprios trabalhadores. A uma regulamentação do trabalho, é preferível uma organização da produção, livre e voluntária, em harmonia com as necessidades, aptidões e gostos de cada um. Em vez dum governo, ou duma administração central, organizarem a troca por meio de bonus de trabalho, a distribuição dos géneros e do vestuário subordinada a cálculos impossiveis, é preferível que os próprios produtores—igualmente consumidores—organizem em grupos que livremente se entendam, troquem e distribuam os seus produtos. De tudo isto e de mil coisas semelhantes, a massa geral do povo entende muito mais do que qualquer delegação, por sábia e douta que se nos apresente. E porque entende mais, o fará melhor, ou, pelo menos, como lhe fôr possível. Que importa que os produtores trabalhem durante uma jornada seguida ou em meias-jornadas, se a produção apresenta os mesmos resultados? Que importa que, aqui, a troca se faça duma ou doutra forma, que, acolá, a distribuição seja regulada conforme tal ou que principio, se as necessidades gerais são todas atendidas? Que importam as detalhes e os meios se o fim social se realiza, se a harmonia é a resultante da variedade de procedimentos?

O anarquismo é no campo socialista a inérgica reivindicação da individualidade. Por isso a sua livre e espontânea iniciativa confia a reorganização social no futuro. Por isso proclama, em toda a sua plenitude, a liberdade de acção que só pode conseguir-se mediante a posse em comum de todas as riquezas. Eis porque somos anarquistas e socialistas.

RICARDO MELLA.

Uma religião que teme a crítica não tem razão de ser. Se o cristianismo fôsse o que pretende ser, os seus padres diriam: Atacai os nossos dogmas, denunciad as nossas crenças, criticai a nossa fé. Temos sede de verdade e se nos demonstrais ser falso o que ensinamos, de boamente o abandonaremos. Fala-m assim? Qual! Em vez disso, tratam de inimigos de Deus e dos homens os que atacam o cristianismo e, a exemplo do amo, encham-nos de insultos neste mundo e condenam-nos no outro.

L. R. WASHBURN.

Derham, sábio inglês, autor da *Teologia Astronômica* e de algumas outras obras que tem por fim provar a existência de Deus pela pormenorização das maravilhas da natureza: infelizmente, elle e seus imitadores enganam-se a miude na exposição dessas maravilhas; extasiavam-se sobre a sabedoria que se mostra na ordem dum fenómeno, e descobrem-se que esse fenómeno é inteiramente diferente do que elles supuzeram; é então essa nova ordem que lhes parece uma obra prima de sabedoria. Esse defeito, comum a todas as obras desse género, desacreditou-as. Bem se sabe que, de qualquer modo que as coisas sejam, o autor acabará sempre por admirá-las.

A greve dos Metalúrgicos

Não se tendo chegado a um acôrdo entre a comissão do Sindicato Unico Metalúrgico e a comissão patronal, no respeitante à reclamação de 60 % para o ramo do ferro, a respectiva especialidade, reunida no domingo último declarou a greve, no Pôrto e Gaia e com tal homogeneidade que o *lock-out* tentado pelo industrialismo gourou logo a nasçença, pela pronta adesão de 15 firmas, no número das quais se contam alguns membros da comissão patronal. No momento de serem fechadas estas rápidas notas o número de adesões ascendem aproximadamente a 30.

Por deliberação do Sindicato foi autorisado que as casas que aderiram à reclamação restabelecem a sua laboração. O Conselho Técnico vai instituir o Bolsim de Trabalho para fornecer grevistas às casas que necessitem de aumentar o pessoal.

O movimento decorre com bastante firmeza, prevendo-se para muito breve a sua finalidade com vitória completa para o Sindicato Unico Metalúrgico.

LEIDE

A BATALHA

Alexandre Vieira

Deu-nos há dias o prazer da sua visita, o nosso querido amigo e camarada Alexandre Vieira, redactor de *A Batalha*. Alexandre Vieira veio ao Norte acompanhar o nosso dedicado camarada Neno Vasco que se encontra actualmente em S. Romão em tratamento da sua doença.

Agradecemos a Alexandre Vieira a sua visita com um fraternal abraço, que se estende a todos os cooperadores de *A Batalha* o brilhante órgão do proletariado organizado.

AOS ORGANISMOS OPERARIOS

Sendo do máximo empenho do grupo editor de *A COMUNA* dar a maior expansão à publicidade do movimento sindical—julgando assim prestar um grande serviço ao desenvolvimento da organização proletária, servizo este que será o mais largo possível logo que este jornal atinja o seu objectivo, como seja a sua publicação diária—solicita a todas as corporações operárias para que enviem as suas informações para esta redacção até terça-feira, de cada semana, a fim de serem publicadas na *COMUNA*.

NOTAS DUM PERDIDO

XVI

Não sabemos desde quando, mas devemos calcular a quem se deve atribuir a introdução de ser necessário um passaporte para um qualquer fabiano se poder transportar de um país para outro, através as chamadas fronteiras que os senhores da terra criam e as estúpidas gerações actuais toem. Sabemos, contudo, embora ligeiramente e sem rebasar cartapácio, que quando alguns países aboliram o seu uso, os liberaes Estados Unidos da América o intruduziam em 1861, tendo sido sempre com dificuldade que ali se tem desembarcando. A Noruega aboliu-o em 1857, e a Suécia em 1861; em França, onde, fora abolido em 1865, só para os Ingleses, foi de novo adoptado em 1870, por ocasião da guerra franco-alemã, para depois o aboliu em 1872; em Itália foi abolido em 1862; e até o nosso velho manquejante e retardatário Portugal o tinha abolido em 23 de Janeiro de 1863. Numa palavra esse impedimento ao livre trânsito dos indivíduos e umas das barreiras opostas ás boas relações entre os povos, tinha já caído um tanto em desuso.

Surge porém a guerra de 1914, o maior crime que pela classe burguesa e capitalista já mais foi preparado e perpetrado, e as fronteiras de todos os países são fechadas, impedindo a saída dos que á monstruosa carnificina não quizessem dar o seu tolo concurso.

Terminado o estado de guerra, feita a desejada sangria nos povos, atingida a ambicionada meta de um dos grupos de imperialistas, parecia que estava indicado que, pelo menos, as anteriores e reduzidas facilidades de viajar e transportar fronteiras, voltariam a ser adoptadas. Mas não. As dificuldades nunca foram maiores, e os sobres e os indesejáveis, os desconcentes e os in-submissos, embora gastando tempo e dinheiro, só chegam á conclusão de que a famosa policia infernalidade se opõe á partida deste ou daquele, para aqui ou para acolá. Aplicada a historia das mósas na tela de aranha, só os grandes conseguirão romper porque os pequenos não terão força para isso, encontrando nós, num jornal burguês estrangeiro, o motivo desta situação: «Temos o direito de nos guardarmos contra os anarquistas e contra os indesejáveis».

A' boa paz, nós não vemos coisa mais estúpida nem mais falta de lógica, do que o falso receio que cada uma das endiadeiras coteries tem pelos indesejáveis da casa do vizinho, desde que tipos destes os há já por toda a parte, sendo até mais perigosos os de dentro do âmbito em se que se criaram e óem muito melhor conhecimento, do que os extranhos que se fazem transportar para outro país, muitas vezes arreludados e apenas dispostos a mudar de amos que não podem aturar nem supporter. Por outro lado, a teoria de que quem não está bem que se mude, assim como a liberdade de trabalho, tam apregoadas em ocasião de furar greves, como ainda o direito de escolha de amo, podia e devia nesse caso, mais do que em

qualquer outro, ter a mais justificada applicação. Nós não achamos nada mais violento nem mais absurdo do que suggestar qualquer individuo, sob qualquer pretexto que seja, ás leis ou aos costumes com que oão se coaduna, á miséria que não quer suportar e de que não é culpado, ou aos amos que não deseja aturar.

Além disso, a liberdade ou o direito de escóla ou mudança de amo, parece-nos que também a estes traria vantagens incontestáveis, pois lhes evitaria o trabalho de perseguir os que se lhes tornaram indesejáveis, que, se muitas vezes se revoltam, é porque não podem ou não os deixam ir procurar noutra parte o aluguer para os braços que são seus.

A liberdade de viajar ou mudar de país, seria, por isso, uma maneira mais rápida de assegurar o bem estar e o sossego na sociedade. Cada individuo procuraria empregar o seu esforço do melhor modo, e por conseguinte mais produtivo, no ambiente que mais se aproximasse dos seus desejos e satisfizesse as suas aspirações. Os homens procurariam viver com os homens, como os carneiros procuram só viver junto aos outros carneiros, ou qualquer animal junto dos animais da própria espécie.

Em Portugal, por exemplo, as coisas estão péssimas, a vida está insupportável não há que comer e morre-se de fome; pois nada mais hum e nem mais justo do que abrir as fronteiras, deixando fugir os que quizessem fugir e os que quizessem ficar que ficam até deixarem para ai a carcassa entregue aos corvos. Incluirá surara qui tanta gente, num país onde não há pão, nem se pensa em o produzir, é um grande crime.

Os 800 ferro-viários francezes que o mês passado desejaram ir para a Rússia, por na França não poderem aturar os amos francezes, os 1200 finlandezes que, em Fevereiro, quizeram deixar os Estados Unidos da América para irem empregar o seu esforço na República dos Soviètes merecem-nos as melhores sympathias. Que cada um trabalhe para quem quizer e como quizer, não sujeito aos estreitos e acanhados limites de uma fronteira, mas procurando alargar-se por todas as vastas regiões da terra, cooperando e trabalhando com quem melhor possa estar de acordo; será a melhor forma de manter a paz entre os homens e o mais seguro meio de lhes assegurarem a abastança e o bem estar para todos.

O passaporte, longe de contribuir para assegurar a paz, mesmo a paz limitada aos ricos, não é mais do que um impedimento, a negação de liberdade e de paz entre os homens. Os receios dos indesejáveis, não o abollido e apertando as malhas de seu emprégo, só contribuem para agravar todos os males que pesam sobre os povos, não se lembrando que a encurrada da tempestade não deixará de atingir e derrubar com mais força as árvores que forem mais altas.

GRAND-GOSSE.

Os bons govêrnos.

Tôda a gente sabe das grandes falcaturas que os govêrnos dos Estados capitalistas levam a «bom termo» para servir os afilhados. Em Portugal, é o que se tem visto... e o que ainda se ha-de vêr, se a caranguejola durar muito tempo. Nos outros países, a coisa é idéntica. Os bons govêrnos são aqueles que bem se governam — é adágio velho, mas parece novo, quere dizer, a prática, ou a história de todos os dias, não o deixam envelhecer. E' que, constantemente, apparecem escândalos governamentais que nos fazem... arripiar os cabelos, para não dizer outra coisa... A semana passada, um deputado qualquer, acusou, no parlamento japonês, os ministros do Fomento e da Agricultura de terem especulado ilicitamente no mercado financeiro, e de terem vendido um considerável número de acções, antes de se produzir a sua baixa. Chamou-lhes bandidoleiros e criminosos, mas parece que a zaragata ficou por ali, visto que os... compadres atestaram o bom comportamento dos réus, pelo que... pelo que a acusação «carecia de fundamento».

Tal e qual como cá, referen-

UMA REPERCUSSÃO... POR ATENDER

A *Revue Scientifique*, de 4-10-1919, refere-se uma curiosa repercussão da Revolução Russa. Após várias considerações, inquieta-se muito com a desapareção do Bisão da Europa, que, como se sabe, é o último vestígio da fauna quaternária. O tsar Alexandre I publicou um decreto proibindo os caçadores de lhe atirarem a fogo, ou apanhá-lo, de qualquer modo; isso, porém, não impediu que elle fosse degenerando lentamente. A guerra e a Revolução, ocasionando a carestia dos géneros, ameaçaram seriamente a existência desses animais.

Nós lamentámo-los. Mas, possa a Revolução exterminar muitas outras coisas... que nós não as lamentaremos. Antes pelo contrário!...

temente à Falperra dos Abastecimentos.

Acusar os inocentes... gatunos da alta roda, só de máslínguas!

MOVIMENTO SOCIAL

Tribuna Sindicalista

CHAFELEIROS PORTOENSES

Esta numerosa classe que há doze semanas se encontrava em luta contra a exploração patronal, acaba de retomar o trabalho com o aumento de 60% sobre os seus irrisórios salários.

Foi uma luta titânica contra a avarêza industrial, a qual teve de ceder perante a potência do sindicato da indústria.

Os industriais com o pretexto do aumento de salário, aumentaram 2650 sobre o preço de cada chapéu, porém o sindicato organizou uma oficina sindical, na sua sede á rua do Bonjardim 800-1.º para bafisfazer os pedidos dos artigos manufacturados pela indústria, sendo o seu preço igual ao anterior á greve.

Registamos com satisfação a orientação que segue este sindicato em expôr ao público o desenfreado egoismo dos industriais.

A *Comuna* sauda os chapeleiros pela sua recente vitória e espera que a officina sindical seja administrada por um conselho técnico nomeado pelo sindicato, sendo o salário em com-

mandita de todos os operários nela empregados e em relação á carestia da vida, e o que esceder, deve ser distribuido pela imprensa operária, propaganda sindical, e presos por questões sociais, para evitar que no futuro esta officina tenha o carácter egoista de qualquer entidade patronal que só aspira a aumentar o dividendo.

E' preciso que a classe dos chapeleiros não descure a organização sindical, sobre a base de sindicatos únicos por industria, para no futuro estarmos aptos a substituir a engrenagem capitalista e organizar-mos a produção. Seria de grande vantagem que os sindicatos dos chapeleiros, alfaiates, fabricantes de botões e costureiras etc., formassem o Sindicato Unico da Indústria do Vestuário e o seu respectivo conselho técnico, composto de delegados de fábricas e ateliers e comissões por freguesias para com mais facilidade combater o capitalismo, fazer a propaganda da transformação social que se avizinha e auxiliar os presos por questões sociais.

JUVENTUDE SINDICALISTA DO PORTO DA INDUSTRIA METALURGICA

Um grupo de jovens cheios de fé e entusiasmo pelo ideal de emancipação proletária acaba de organizar este núcleo o qual se destina a propaganda e organização sindical para que os trabalhadores se organizem a fim de construir os alicerces da sociedade futura: o comunismo anarquista. A inscrição pôde realizar-se no gabinete do Sindicato Unico Metalurgico á rua de Camões 367.

Esperamos que os jovens não descurem a organização da caixa de solidariedade para que os presos por questões sociais não sejam esquecidos pelos produtores sindicados.

OPINIÕES INSUSPEITAS

O eclipse da espiritualidade e o culto da finança

Não é novo na história das sociedades, embora possa parecer surpreendente, o espectáculo do juror que pelos gozos materiais se desenvolveu depois da guerra em quasi todos os países. Não é somente Paris que parece sair de um pesadelo que se entrega aos prazeres depois das horas trágicas e angustiosas da guerra; Berlim e a própria Viena, esquecendo a fome que faz estragos, procuram com afan esquecer na alegria exuberante de viver e recuperar o tempo perdido.

Por uma psicologia bem arreigada no coração humano, vencedores e vencidos tudo querem sacrificar á diversão como se procurassem aturdir-se e distrair-se das atribulações passadas; aos tempos austeros succederam os de uma alegre indiferença que, no meio das milhas do desastre, exhibe a impudência do furor dos gozos.

A dor e o sofrimento moram nos lares onde se chora o desaparecimento e a ausência dos seres queridos que sucumbiram ou ficaram inutilizados na sangrenta batalha enquanto, com ostentação orgulhosa ocupam a scena social os que se enriqueceram nas tormentosas contingências da guerra.

Na corte imperial de Napoleão III que o génio do Victor Hugo amarrou para sempre ao pelourinho, na época da crinoline e do merinaque, fez foror e alastrou pelo mundo o famoso can-can do Mabile. Na decadência do império a música dos Bufos acompanhou a derrota, da mesma maneira que esta horrorosa catástrofe da guerra mundial surpreendeu os povos disputando sobre as excelências do tango argentino e então só as renascentes virtudes republicanas permitiram o resurgimento da nação franceza. Mas, depois do desastre de Sedan e das barricadas da Comuna, o can-can continuou e sentiu-se também a orgia desenfreada que se agita nestes momentos em todas as grandes cidades nos dancings e nas de-

A nossa Alegoria

Encontra-se já á venda na nossa administração, a magnífica alegoria publicada no nosso 1.º número e impressa em separata em ótimo papel. O seu preço é de \$25 cent. cada exemplar, devendo os pedidos virem acompanhados da respectiva importância.

liciosas festas aristocráticas e populares.

Não é mal do século; é sem dúvida, lei da natureza humana que á compressão succeda a expansão, ao sacrificio o transbordar dos prazeres. O mesmo succedeu depois do Thermidor, nos dias do directório; depois das épicas jornadas da Revolução, da imensa comoção dos espiritos, da ebulição exaltada das ideias e do sangue que fez verter o Terror jacobino veio a orgia em que participou não só a plebe mas também as próprias classes dirigentes e a aristocracia que tinha visto perecer tantos dos seus no estrado da guilhotina. Propagou-se uma verdadeira epidemia de alegria e bem-estar; a França parecia reviver e quiz disfrutar os prazeres da vida renascente; abriram-se de novo os salões da alta sociedade; as mulheres, semi-nuas, ostentavam as mais caras joias e dançava-se com verdadeiro furor, com vertigem e uma espécie de frenezi dominava a sociedade de alto a baixo. Sebastian Mercier na sua obra «Nouveau Paris» diz que, depois do dinheiro, o baile passou a ser a idolatria dos parisienses; do humilde ao poderoso, do rico ao pobre, há um furor, um prazer universal. As mulheres trazem o colo nu e nus mostram os braços. Os Goncourt descrevem também a sociedade daquela época e ás mulheres parisienses, furias nos dias da Revolução, cortezadas nas Tulheiras, abnegadas e sublimes no cerco de Paris, mártires e consoladoras nos episodios da guerra e procurando com impeto insaciável a embriaguez dos gozos na volutuosi-dade das danças da moda.

A COMUNA

De novo insistimos com os camaradas que tenham em seu poder listas da subscrição já preenchidas para que as enviem a esta administração o mais breve possível bem como as respectivas importâncias.

Iguãlmente convidamos os camaradas que se subscreveram na primeira lista publicada e ainda não eram com as respectivas importâncias a fineza de o fazerem também com a maior brevidade, afim de não sermos forçados a deduzir as quantias em débito, da totalidade da subscrição, em um dos próximos números.

| | |
|---|----------|
| Transporte | 2.100,23 |
| Lista n.º 79 | |
| Entregue por Joaquim Relvas, de Lisboa: | |
| Joaquim Relvas | 1800 |
| Júlio da Cruz | 820 |
| António Fernandes | 830 |
| Artur Brito | 830 |
| Abílio Ferreira | 820 |
| A. P. S. | 810 |
| Fernando Vieira | 820 |
| Ricardo & C. | 810 |
| Eduardo Relvas | 830 |
| Duarte | 820 |
| José da Cruz | 810 |
| António Oliveira | 840 |
| Luclinda Relvas | 830 |
| A. Benedy | 810 |
| António J. Costa | 820 |
| Américo Pereira | 810 |
| José R. Queltróz | 850 |
| Soma | 4540 |
| Lista n.º 14 | |
| Entregue por Mendes & Loio: | |
| António Castro Baptista | 50800 |
| Eduardo Silva | 850 |
| Raul Blanquet | 1800 |
| Amadeu Santos | 830 |
| Soma | 51380 |

| | |
|--|----------|
| Lista n.º 60 | |
| Vitorino Correia—Brasil. | 20800 |
| Lista n.º 84 | |
| Entregue por José Silva, de Praia da Granja: | |
| Jose Silva | 1825 |
| Joaquim de Sousa | 1825 |
| Ernesto Guimarães | 850 |
| José Soares | 850 |
| António Carvalho | 850 |
| Manuel M. Fonseca | 850 |
| Raimundo Rodrigues | 825 |
| Manuel J. da Silva | 825 |
| Joaquim P. Marques | 850 |
| António de Camarinha | 825 |
| Soma | 5875 |
| Lista n.º 12 | |
| Entregue por Mário Azevedo: | |
| João P. M. Martins | 5300 |
| Albino Silva | 2350 |
| Azêdo Pinto | 1800 |
| Albano Cardoso Pinto | 1800 |
| Francisco Rezende | 1889 |
| Manuel D. da Costa | 2850 |
| António S. Silva | 5800 |
| José E. Fonseca | 1800 |
| Soma | 19800 |
| A transportar | 3.201818 |

A minha defesa

POR JORGE ETIEVANT Preço, 50 reis A' venda na redacção de A COMUNA

Madrid oferece este mesmo espectáculo comum a todas as grandes cidades populosas nestes dias da post-guerra; de um a outro extremo de Espanha surgem conflictos, lutas, motins freqüentemente sangrentos; faltam as coisas mais necesssárias, escasseiam os produtos mais imprescindíveis; a carestia da vida chegou a um ponto absolutamente intolerável; as casas atingem preços de aluguer mais que fabulosos, verdadeiramente criminosos; as subsistências, em muitas partes triplicaram e quintuplicaram de valor; durante semanas inteiras viram-se em Madrid comidas bichas á porta das lojas á espera de pão que com grande dificuldade se alcançava; a miséria e a fome desabam sobre o povo e a mortalidade alcança uma percentagem espantosa. Mas Madrid refulge como uma mansão de prazeres; a toda a parte chega o ruído do ouro que remove as raquetes dos croupiers nos clubs aristocráticos e nasta volagens claudestinas; nas ruas e passeios destaca-se arrogante e triunfal a figura do banqueiro do jogo, ignóbil fermento de corrupção de uma sociedade decadente que únicamente sente insana cobiça, áncia de dinheiro, e os especuladores sem consciência, os acambaradores dos produtos necessários para a vida, os parasitas sociais e os intermediários no mecanismo da circulação e distribuição da riqueza fazem ostentação vaidosa de um luxo deslumbrador e de uma vida regalada e opulenta que contrasta dolorosamente com as privações e a miséria que sofre a massa dos trabalhadores, do povo e da classe média.

(Da A Pátria — carta de Madrid, por Nicolas Golmeson e Garcia.)

Lêde e propagai A COMUNA ... Semanário Comunista ...

O patriotismo

Escreve nos um camarada: «Vocês não imaginam como se manifesta, praticamente, o excelente patriotismo dos nossos pés de chumbo que, nestas parágens brasileiras, toem banca aberta para negócios. Quando cheguei a Pernambuco, precisei de cambiar algum dinheiro o correr a certas despesas indispensáveis. Depono-se-me o Banco Nacional Ultramarino, e para lá me dirigi: Entrei, disse ao que ia, e o empregado que me veio atender informou-me que o Branco não dava mais de 750 reis brasileiros por cada escudo português. Fiquei atônito — a massa que levava já era pouca; e com aquele desconto mais reduzida ficava. Agradei a informação e saí desesperado. De aí a pouco entro num banco inglês que me pagou os escudos a 950 reis brasileiros, cada um. Além disso, o pagador disse-me que era aquela a cotação do dia. Pela mesma quantia nos pagaram nos bancos brasileiros. Apesar de eu ainda não conhecer bem este meio, já sei que o português que quiser ser patrioticamente, roubado deve preferir as casas... portuguesas. E anda esta gente a encher a boca com o patriotismo para cá, e o patriotismo para lá. Mais valia, pois, substituir esta palavra por estoutra — ladrocinha... Ficava mais certo e traduzia mais fielmente os instintos dos patriotas... no estrangeiro, já se vê. Porque nos seus países são tam sérios e tam honestos quando algum deles nos apparece, é sempre de boa prudência apertar o casaco...»

¿E que tal está o desinteresse do tal Banco? Por isso éle dá lucros fabulosíssimos, lucros de encher o olho... aos acionistas...

Bagehot atribuiu a decadência intelectual da Espanha á obra do Santo Ofício, que, eliminando com ferro e fogo os homens mais inteligentes, fez por este modo degenerar a nação inteira. Para compreender isto basta lembrar que, durante dez anos apenas, sob o govêrno de Torquemada, foram torturadas pelo Santo Ofício mais de cento e cinco mil pessoas, e que dessas, só na Andaluzia, foram queimadas vivas oito mil e oitocentas!

ANGELO VACCARO.